

**AS FESTAS E TRADIÇÕES DO  
CATOLICISMO BRASILEIRO:  
PARTICIPAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES  
LEIGAS NAS FESTIVIDADES PÚBLICAS E  
OFICIAIS**

**THE FESTIVITIES AND TRADITIONS OF BRAZILIAN  
CATHOLICISM: PARTICIPATION OF LAY ASSOCIATIONS  
IN PUBLIC AND OFFICIAL FESTIVITIES**

Tânia Maria Moreno<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a participação social e religiosa das Associações leigas na cidade de São Paulo, no período de 1860 a 1880, quando começam a perder sua identidade.

É o período de decadência das associações leigas e do esplendor das festas litúrgicas que vão aos poucos desaparecendo e sendo substituídas por outras atividades mais urbanas.

**Palavras-chave:** associações leigas; irmandades; festas litúrgicas; procissões; religiosidade popular.

---

<sup>1</sup> Mestra em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: morenotania905@gmail.com

**Abstract:** This article discusses the social and religious participation of lay associations in the city of São Paulo, in the period 1860-1880, when they begin to lose their identity. It is the decay period of lay associations and the splendor of the liturgical feasts that are gradually disappearing and being replaced by more urban activities.

**Keywords:** lay associations; fraternities; liturgical feasts; processions; popular religiosity; Sao Paulo City.

### *Introdução*

Caracterizar as Associações leigas<sup>2</sup> sem mencionar a prática do culto religioso é ignorar uma das finalidades fundamentais a que se propunham essas entidades ao fundarem suas fraternidades e escreverem seus compromissos e regras.

Exercendo atividades assistenciais, ou com fins políticos, ou agregando indivíduos de uma mesma etnia, qualquer que fosse a finalidade da associação, o que irmanava seus membros e os distinguiu das outras agremiações era o Orago que motivara sua criação.

A Igreja Católica, em especial em Portugal e Espanha, incentivava a devoção aos santos e transplantou esse costume para

---

<sup>2</sup> Associações Leigas: referem-se às irmandades, confrarias e ordens terceiras; floresceram em todo Brasil concomitantemente à colonização e integraram-se perfeitamente à paisagem colonial, permitindo que negros brancos e índios dessem uma forma de expressão religiosa, onde os elementos constitutivos do seu imaginário religioso se mesclassem de modo singular à religião oficial do colonizador.

suas colônias além-mar, que foram aos poucos construindo seu próprio universo religioso, adaptado à realidade local.

Segundo consta em Hauck: “A religião do povo brasileiro tinha três raízes: a herança de crenças medievais, onde o sagrado e o misterioso apareciam em todas as atividades do dia a dia, que recebeu farta contribuição indígena e africana, criando uma prática religiosa que ocupava lugar de destaque na vida familiar e individual.”<sup>3</sup>

### ***Festas e Procissões na cidade de São Paulo no século XIX***

Um dos elementos característicos da prática e manifestação religiosa do período colonial é, segundo Caio Boschi, a sua superficialidade, predominando os “ritos externos, a pompa das práticas exteriores, que a exemplo da matriz ibérica, atendia fundamentalmente aos sentimentos e sentidos dos colonos”.<sup>4</sup>

A religiosidade popular manifestava-se de forma a buscar intermediários próximos para o relacionamento com o sobrenatural, utilizando-se de imagens, fitas, medalhas, rosários, escapulários, etc.

Importa aos fiéis sua relação devocional com os santos, um apelo ao sagrado através da intimidade com as criaturas sagradas que se revelam como intermediários mais próximos e acessíveis e onde o leigo ocupa papel central.

No catolicismo popular, o devocional supera o sacramental e o evangélico, e isto se deve, em parte, à carência de sacerdotes e da

---

<sup>3</sup> HAUCK, João Fagundes. “História da Igreja no Brasil”. Tomo II. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 112.

BOSCHI, Caio César – Os Leigos e o Poder. - SP: Ed. Atica, 1968. p.58.

própria estrutura da sociedade, que oprimida pelo Estado português, sente-se liberta e protegida pelos seus santos.

Os bispos, sacerdotes, monges e frades ficariam mais no litoral, nos conventos, seminários, colégios, mosteiros e palácios, só fazendo viagens pelo interior raríssimas vezes. Os portugueses povoadores e desbravadores do sertão, assim como os índios e africanos escravizados eram os principais propagadores do catolicismo no interior.<sup>5</sup>

A partir desse contexto, pode-se entender o papel das associações leigas, cujas obras sociais englobavam tanto o atendimento a doentes e mendigos, numa função caritativa e assistencial, como o agrupamento de determinados segmentos sociais com o fim de se auxiliarem mutuamente e protegerem sua identidade racial e cultural.

A consciência religiosa limitava-se às celebrações, cuja expressão maior era dada pelas festas e estas completavam o quadro da vida social, onde a moral, pouco escrupulosa, era ocultada pela própria condição de vida do povo brasileiro, incluso os escravos.

A sociedade brasileira revela um caráter particular em relação à sua mãe pátria no que se refere à sua expressão religiosa, pois há de se levar em conta a formação étnica e social e o enfoque que a Igreja dá na sua evangelização.

Havia a igreja dos brancos, dos negros e dos pobres e tudo era interpretado num contexto religioso, onde era fácil aos detentores do

---

<sup>5</sup> HOORNAERT, Eduardo. “História da Igreja no Brasil” – tomo I. SP: Ed. Vozes, 1977. p. 118

poder, “sacralizar” em nome de Deus, a ordem, a situação social e a dependência.

Fritz T. Salles, argumenta que a religião, foco cultural da sociedade, era usada como meio de dominação.

Nosso catolicismo era predominantemente leigo, até a época em que os bispos reformadores começaram a insistir nas mudanças que se refletiriam na formação eclesiástica do clero. Se havia um catolicismo institucionalizado, controlado pelo Estado, havia paralelamente o da devoção pessoal e familiar, onde os sacramentos vão mediar as relações sociais.

Nesse contexto, as associações leigas aparecem como elo entre um e outro (catolicismo oficial e devocional), equalizando as forças e mantendo a ordem estabelecida.

Segundo Saint-Hilaire, “na igreja brasileira não há o que pode causar espanto, está fora de todas as regras”<sup>6</sup> e ainda citando J. H. Rodrigues, “num país em que os exercícios religiosos formavam parte essencial da vida, as festas eram quase o único divertimento popular.”<sup>7</sup>

Assim, festas e comemorações assumiam um caráter religioso. As festas refletiam o caráter mitificador da religiosidade popular e não seria impróprio dizer que a mescla de profano e sagrado que elas expressam era de fato revelador da gênese brasileira; às procissões sucediam os reisados e congadas, às pregações calorosas, os fogos de artifício e barracas de comestíveis.

---

<sup>6</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. –“Viagem à Província de São Paulo”. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1972, p. 43.

<sup>7</sup> RODRIGUES, José Honório. - “Baú de Ossos”– in REB- nº 32 – São Paulo, Ed. Vozes, 1972, p. 311.

Os exemplos são abundantes, como comprovam os relatos dos viajantes (e particularmente no século XIX também os noticiários dos jornais), como demonstra este de Daniel Kidder: “Em certos aspectos, os festivais de todos os santos se parecem. São todos eles anunciados à noite na véspera, por foguetes e pelo toque dos sinos à tarde. Durante a festa, quer dure um ou nove dias, ouve-se frequente foguetório. A cera é consumida em grande quantidade de velas conservadas acesas diante de diferentes altares, de mistura com flores artificiais e outras decorações. Grande carinho é dedicado ao adorno das igrejas, tanto de dia como de noite [...] Algumas vezes, por ocasião desses festivais, levanta-se um palco na igreja, ou ao ar livre, onde se realiza uma espécie de representação dramática, para diversão dos espectadores; outras vezes realiza-se um leilão [...]”.<sup>8</sup>

As práticas de magia eram constantes e, de certa maneira, aceitas até pelos padres; as promessas eram um dos recursos para se conseguir favores dos santos, tais como: construção de capelas, esmolas, romarias, etc.

Quando os lazaristas chegaram aqui em meados do século XIX, encontraram essa situação e tentaram controlar as devoções, ligando-as mais ao magistério da Igreja e impondo normas morais mais rígidas, condenando práticas consideradas supersticiosas.

Segundo Hauck, “a igreja era local de encontro e de longas conversas, mesmo quando estava sendo exposto o Santíssimo. Para

---

<sup>8</sup> KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley – “O Brasil e os Brasileiros”, *esboço histórico e descritivo*, tradução Elias Dolianiti, 2º volume. SP: Cia Editora Nacional, 1941. p.162/163

peças mais distintas, havia a sacristia ou o consistório das irmandades para as conversas.”<sup>9</sup>

É bom lembrar que ao lado das manifestações populares nas festas religiosas de grande expressão, principalmente até meados do século XIX, a opulência dos templos era o símbolo que permitia distinguir as elites das camadas populares, principalmente quando se tratava de templos erigidos pelas irmandades, fato, aliás, muito comum, posto que o cenário religioso quase somente se compusesse dessas entidades, além dos mosteiros.

Havia um real contraste entre as construções residenciais e as igrejas e conventos, enquanto as casas, principalmente em São Paulo eram pobres e mal construídas, os conventos, o palácio do governador, do bispo e as igrejas revelavam o esplendor da arquitetura colonial e a fartura do ouro e pedras preciosas.

Porém, todo esse conjunto arquitetônico era aparente, pois a miséria do clero local era notável, dependia exclusivamente das posses dos leigos. Esse, talvez, seja um dos grandes legados da laicização do catolicismo, já que toda obra constitutiva da religião católica no Brasil, tinha se estruturado pela ereção das irmandades.

Ainda no que se refere às festas religiosas, encontra-se em Alba Zaluar uma análise dessas manifestações de caráter popular onde ela demonstra a legitimidade das relações sociais vigentes através de valores e normas expressos – sistemas cosmológicos - isto é, as

---

<sup>9</sup> HAUCK, João Fagundes. – op. cit. p. 13/14

posições de superioridade sociais e diferenças de classes são sacralizadas pela “santidade” das relações entre pobres e ricos.<sup>10</sup>

Note-se que as festas exigiam uma longa preparação e o dinheiro para produzi-las era financiado pelos fiéis, pois deveriam pagar aos celebrantes e pregadores, ao coro, os fogos de artifício, etc.

Era comum distribuir-se comida aos pobres, simbolizando a “partilha”, onde os ricos redistribuíam parte da sua riqueza e efetivavam a diferenciação social.

Segundo Alba, “as festas também eram ocasião em que havia oportunidade para a competição pelo prestígio e para expressar simbolicamente a unidade e os conflitos inerentes a essas relações sociais estabelecidas.”<sup>11</sup>

No contexto urbano, os santos e as irmandades podiam também representar categorias de pessoas (profissão, sexo), bem como camadas sociais superiores ou inferiores no sistema de estratificação social.

Em Luccock encontramos que, nas festas, a posição da Igreja, obedecia a uma hierarquia imposta pelos costumes sociais: “no meio, cercado por grades de madeira ficavam as senhoras brancas, acoradas sobre tapetes, fora das grades os homens brancos; em lugar de destaque as pessoas importantes, da porta para fora os negros.”<sup>12</sup>

As festas, “expressões públicas de fé”, eram de caráter oficial. As práticas religiosas eram impostas por lei e só se admitia ausência

---

<sup>10</sup> GUIMARÃES, Alba Zaluar. - “Milagre e Castigo Divino” – Revista Religião e Sociedade, RJ, n. 5, 1980, p. 161.

<sup>11</sup> Idem, p.176

<sup>12</sup> LUCCOCK, J. –*Notas* - citado por Hauck – op. cit., 1872, p. 100.



das pessoas que residissem a mais de uma légua da paróquia; nem mesmo os judeus eram dispensados.<sup>13</sup>

O destaque das festividades era dado às procissões. As Ordenações do Reino determinavam a obrigatoriedade de algumas, seus dias, meses e multas, segundo consta em J. G. Salvador.<sup>14</sup> Entre as procissões mais concorridas estavam a do Corpo de Jesus e a dos Passos que se realizava na Semana Santa; organizadas, coordenadas e produzidas pelos irmãos leigos, em grandes festas litúrgicas eram, para cada irmandade, um modo de demonstrar pompa, poder e glória, embora se admitisse a participação popular às procissões e gozo das festas, era na paramentação e ornamentação dos templos e irmãos que se distinguiam as camadas sociais.

Espiritualmente todos gozavam dos mesmos benefícios divinos, embora os santos mediadores estivessem na proporção direta da situação social daqueles que invocassem seus favores: Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e Santo Expedito para os negros e pobres; Santa Teresa, Nossa senhora do Carmo, São Francisco, para os brancos e ricos.

Na prática, contava as posses dos leigos que patrocinavam as festas; era disputada pelas irmandades a participação das autoridades civis e eclesiásticas, já que eram obrigadas por decreto a assistirem as festividades.

As procissões tinham a importância e a imponência das festas nacionais. Enfeitavam-se as ruas com pétalas de rosas, ramos de

---

<sup>13</sup> LUCCOCK, J. –op. cit. 1972, p. 100.

<sup>14</sup> SALVADOR, José Gonçalves – “Cristãos Novos, Jesuítas e Inquisição” - SP: Editora Pioneira, 1969, p. 158-159.

alecrim e outras flores, para a passagem do Senhor. Iluminavam-se as casas e colocavam-se colchas nas janelas e grades.

Nessas ocasiões caiavam-se as casas e dava-se preferência aos terrenos e prédios das ruas em que passavam as procissões por serem valorizadas, justamente, era no centro da paróquia da Sé que habitavam as figuras mais ilustres.

Afonso de Taunay em seu livro “Velho São Paulo”, conta que as ruas secundárias de São Paulo mostravam edificação inferior à das três vias principais do Rosário, Direita e São Bento. Destacavam-se as casas vistosas da Rua do Ouvidor, Príncipe, Carmo, Comércio e São Gonçalo.<sup>15</sup>

Até 1836, as procissões eram feitas com muita pompa, segundo relato de viajantes e alguns historiadores e a mais curiosa, segundo Ernani Silva Bruno, era a do Senhor dos Passos, feita na segunda sexta-feira da quaresma. Os “passos” eram feitos na rua, em oratórios que ficavam junto de certas residências.<sup>16</sup> A procissão dos Passos saiu pela última vez em 4 de abril de 1873 e já em determinadas igrejas por determinação da Ordem Terceira do Carmo.

Quando a Igreja estava unida ao Estado, a imagem do Senhor dos Passos era trasladada na véspera à noite, em procissão para a Catedral da Sé e comparecia a este ato solene, o presidente da Província e mais seu secretário, ajudante de ordens e oficialidade dos diversos corpos militares.

---

<sup>15</sup> TAUNAY, Afonso de. – “Velho São Paulo” – vol. 3, São Paulo: Editora Melhoramentos, 1954, p. 13.

<sup>16</sup> BRUNO, Ernani Silva. “História e Tradição da Cidade de São Paulo”. vol. II – Burgo dos Estudantes (1828/1872). RJ: Editora José Olímpio, 1954, p. 754.

Havia uma figura folclórica nessa procissão que ia à frente do cortejo, o pregoeiro Farrioco ou a Morte, vestido com uma camisola de pano preto e um chapéu da mesma cor, carregando uma trombeta e um chicote para escorraçar os moleques que investiam contra ele a pedradas.<sup>17</sup>

Há que se destacar também as festas promovidas pela Irmandade dos Homens Pretos, onde havia danças de negros, congadas, acompanhadas de música do “tambaque” (espécie de Zé Pereira); as negras iam enfeitadas com rodilhas de pano branco na cabeça, pulseira de prata e rosários de contas vermelhas ou ouro no pescoço.<sup>18</sup>

Essas danças ainda se faziam entre 1860 e 1863 depois de obtida licença oficial, nos dias santos de guarda no pátio de São Bento, onde se reunia a escravatura.

Jaques Raimundo definiu “congos” como indivíduos que com trajes de reis e príncipes davam guarda de honra a rainhas negras no acompanhamento das procissões de São Benedito e Nossa senhora do Rosário.<sup>19</sup>

Os elementos culturais africanos no catolicismo segundo Sérgio Buarque de Holanda, possibilitaram sua preservação sob aparência cristã. Suas tradições mantiveram-se mais ou menos intactas nos

---

<sup>17</sup> BRUNO, E. op. cit., 1954, p. 756.

<sup>18</sup> FREITAS, Afonso de. – “Folganças Populares no Velho São Paulo” – Revista do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo, XXI. 1944, p. 5.

<sup>19</sup> Cf. em BRUNO, Ernani. op. cit., 1954, p. 758.

núcleos urbanos, pois se agrupavam em confrarias e encontravam possibilidades de emancipação e convívio.<sup>20</sup>

As procissões eram verdadeiras dramatizações públicas quando ainda não havia teatros na capital, e demonstravam que o espírito religioso do povo estava voltado para a expiação e o sofrimento, mais do que para a celebração da vida.

Note-se, por exemplo, a descrição de Antonio Egídio Martins sobre a procissão do Enterro que saía á noite da igreja e se recolhia na Sé:

[...] os carregadores do esquife eram sacerdotes vestidos de dalmática, tendo a cabeça coberta com amintos. Junto ao páleo, na frente, iam São João Evangelista e Maria Madalena, dos lados iam as três Marias cantando e em seguida vinha a Guarda Romana completamente uniformizada e tendo à frente o Centurião que era um homem agigantado, que marchava dando longas pernadas, gingando com o corpo e batendo com força no chão o cabo da lança e os seus comandados o imitavam da melhor forma que entendiam, parando de espaço em espaço a procissão para Verônica cantar.<sup>21</sup>

Mas segundo consta do mesmo autor, desde o ano de 1870, a Ordem terceira do Carmo deixou de fazer essa procissão com o mesmo aparato de antes e, em 1874, por ordem da Câmara Municipal, foram arrancadas das casas térreas da capital as tradicionais lanternas iluminadas com velas.

A chamada procissão de São Paulo, que saía da Catedral percorrendo as ruas mais “importantes” da cidade foi descrita em 1839 pelo reverendo Kidder: “duas irmandades, uma dos pretos e outra dos

---

<sup>20</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. – “História Geral da Civilização Brasileira”. tomo II – Brasil Monárquico, Reação e Transição. SP: Ed. Difusão S.A., 1976, p. 329.

<sup>21</sup> MARTINS, Antonio Egídio – “São Paulo Antigo” – 1554/1910, livro 1, SP: Conselho Estadual de Cultura de São Paulo. p. 52.

brancos, marchava em alas, levando uma vela de cera de comprimento suficiente para servir de bordão e com uma opa branca, vermelha ou amarela nos ombros, indicando a Ordem a que pertenciam.”<sup>22</sup>

Exibir-se parecia ser o principal motivo das festas e acabava por ser o argumento decisivo pelo qual se pedia patrocínio governamental e anúncios nos jornais, incluindo comerciantes de artigos religiosos.

Apesar dessa demonstração pública da devoção do povo, críticas eram feitas não só por autoridades civis como eclesiásticas e na segunda metade do século XIX começam a cair em desuso e várias procissões são suprimidas, passando a serem feitas dentro das igrejas das irmandades ou pelo menos com menos pompa.

O jornal *Correio Paulistano* fez inúmeros comentários lamentando o comportamento do povo e alertando as autoridades; note-se este comunicado do jornal em 23 de setembro de 1860: “Entre nós as procissões não são mais um divertimento como qualquer outro; um batalhão de moleques, à guiza de batedores, precede a cruz da irmandade, homens e mulheres invadem as alas, usurpando assim o lugar dos irmãos, muitos dos quais se deixam ficar em casa por penitência.”<sup>23</sup>

Ainda este de 24 de fevereiro de 1860:

Aperta-se o coração do verdadeiro católico ao contemplar o estado deplorável, de abandono e indiferentismo a que se acham reduzidos o culto e festividades religiosas desta capital, outrora tão notavelmente afamadas pelo espírito de devoção e fervorosa religiosidade de seus habitantes [...]. Quem presenciando esta procissão não fará um triste juízo

---

<sup>22</sup> KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James Cooley. —op. cit. p. 193.

<sup>23</sup> Jornal “*Correio Paulistano*”, 30 de julho de 1875, p. 2.

da capital da província? E, no entanto, é esta uma festividade oficial, uma das poucas e mais importantes da Catedral e que por isso mesmo deverá ser a mais importante e suntuosa, mais respeitável e digna de ser assistida. É que à medida que progride a civilização diminui a religiosidade, a devoção pela Igreja e pelas cousas sagradas [...].<sup>24</sup>

Talvez o redator desse noticiário não pudesse entrever por trás de tudo isso as mudanças que vinham ocorrendo na província de São Paulo e em todo país desde a década de 1850 e que refletiam um novo estado de coisas que iriam alterar a ordem estabelecida até então e que não escapava ao controle do Estado e da Igreja.

Se por um lado a Igreja permite essas demonstrações de fé popular e até mesmo as incentiva, por outro lado deixa a mercê dos leigos as iniciativas da evangelização, da assistência aos pobres, do patrocínio das festas, mas mantém sob controle através das Ordenanças.

Apesar disso o quadro que se tem do catolicismo no Segundo Império é contraditório: uma minoria tem acesso à espiritualidade da doutrina da Igreja e o catolicismo estava, segundo Padre Júlio Maria, reduzido “a cerimônias que não edificavam; a devoções que não apuram a espiritualidade, a novenários que não revelam fervor, a procissões que apenas divertem, que não aproveitam nem dão glória a Deus.”<sup>25</sup> Mesmo as elites reverenciavam o culto por hábito ou tradição e não por fé.

O clero não se salientava nem pela espiritualidade nem por seu nível intelectual e vivia conformado ao regalismo, vivendo em paz

---

<sup>24</sup> Idem, 4 de fevereiro de 1860.

<sup>25</sup> Coreio Paulistano, 18 de junho de 1870.

com o povo e aceitando suas superstições e vivenciando-as também. Por volta de 1860 novas ideias agitam o país firmando-se entre as novas elites (o positivismo que já se delineava desde 1850) renovando os padrões de cultura e da política.

Alguns bispos brasileiros, conscientes desse estado de coisas e conformes com a reforma Ultramontana, denunciavam a falta de religião do povo, isto já desde 1846. Em 1871, o bispo de Olinda estranhava o mau comportamento nas igrejas, os abusos nas festas religiosas. Onze anos antes, como já vimos, o *Correio Paulistano* relatava essa licenciosidade por ocasião da procissão de São Benedito.

### *Considerações finais*

Vamos enumerar a título de síntese, os principais tópicos dessa análise:

- 1- À decadência das festas, aliava-se um distanciamento da religião oficial pretendida pela Igreja Católica;
- 2- Outro fator que importa resaltar é o da crise entre a Igreja e Estado que se intensifica na década de 1860 afetando principalmente as ordens religiosas tradicionais, pois o governo imperial não só tem interesse em acabar com elas, como recebe com entusiasmo a vinda de sacerdotes estrangeiros e novas congregações;
- 3- Numa tentativa de renovação, surgem as devoções ao mês de Maria e das primeiras sextas-feiras do mês, cuja introdução deu-se na década de 1870 com a fundação do apostolado da Oração.

O culto a Maria tomou impulso com a proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 1854, por iniciativa de Pio IX.

- 4- Mesmo assim, é visível a decadência do culto externo, das pompas das procissões que se realizavam no começo do século XIX. A cidade não oferece mais espaço para as manifestações populares e as irmandades que promoviam esses eventos também se ressentem dessa situação e voltam-se para seus membros.
- 5- Numa tentativa de recuperar o prestígio, as irmandades convocam o povo a participar das procissões, pretendendo “ressuscitá-las” com as mesmas formalidades e aparatos de costume, mas o resultado nem sempre compensa os esforços, como podemos verificar neste noticiário do Correio Paulistano de 18 de junho de 1870: Deu-se na quinta feira a procissão de São Jorge fazendo giro costumado à efígie de São Jorge, o famigerado príncipe da Capadócia, patrono favorito dos militares. A respectiva irmandade fez o que pode para renovar a “usança” com que não esteve pelos autos, gazeou quase toda, deixando o Santo general sem tropas para comandar [...].<sup>26</sup>
- 6- O governo Imperial começa dificultar a aquisição de patrimônio das ordens e irmandades e isso vai refletir na contenção de despesas de algumas delas que costumavam adquirir terrenos por doação estatal;
- 7- O acelerado desenvolvimento econômico da capital da província de São Paulo é também fator de decadência das festas, pois o

---

<sup>26</sup> Correio Paulistano, 18 de junho de 1870.



comércio, os teatros e passeios públicos roubam o espaço que antes pertencia às igrejas das irmandades. Outros interesses perpassam a população que agora dispõe, inclusive, de cemitérios públicos, não necessitando recorrer aos terrenos das igrejas para enterrar seus mortos.

Aos poucos, as festas mais tradicionais vão sendo suprimidas e as devoções manifestadas publicamente se interiorizam nos cultos familiares, nas cerimônias solenes das igrejas, trazendo uma nova visão da espiritualidade que a Igreja se esforça em recuperar.

## Referências

### Bibliografia

- ARROYO, Leonardo – Igrejas de São Paulo. RJ: Ed. José Olímpio, 1954.
- AZZI, Riolando – Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil- in *Revista: Religião e Sociedade*, nº 3, SP: Ed. Vozes, 1978.
- AZZI, Riolando - Religiosidade Popular – in REB 38/152. Petrópolis: 1978.
- BENEDETTI, Luis Roberto – Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido – *Um Estudo sobre Religiões e Sociedade*. SP: Ed. Paulinas, 1984.
- BOSCHI, Caio – Os Leigos e o Poder – SP: Ed. Atica, 1968.
- BRUNO, Ernani Silva – História e Tradição da Cidade de São Paulo, vol. II. RJ: Liv. José Olímpio, 1954.
- CAMARGO, Paulo Florêncio da Silva – A Igreja na História de São Paulo, vol 7. SP: Revista dos tribunais, 1929.
- FREITAS, Afonso de – Folganças Populares no Velho São Paulo. – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, XXI. SP: 1944.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar – Milagre e Castigo in *Revista Religião e Sociedade*, nº 5, RJ, 1980.

HAUCK, João. – História da Igreja no Brasil, 2ª época: *Igreja no Brasil no século XIX, tomo II*, Petrópolis: Ed. Paulinas, 1985.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. - História Geral da Civilização Brasileira, 2º vol.: *O Brasil Monárquico, Reação e Transição*. SP: Ed. Difusão S.A., 1976.

HOORNAERT, Eduardo – História da Igreja no Brasil- tomo I. SP: Ed. Vozes, 1977.

KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. – O Brasil e os Brasileiros – *Esboço histórico e descritivo*, tradução Elias Dolianiti, 2º vol., SP: Cia Editora Nacional, 1941.

LACOMBE, Américo Jacobino – *A Igreja no Brasil Colonial* - in História Geral da Civilização Brasileira, volume 2. SP: Ed. Difusão S.A., 1960.

LEERS, Bernardino – *Catolicismo Popular no Brasil* – SP: Ed. Vozes, 1977.

MARTINS, Antônio Egídio. – São Paulo Antigo, *livro 1* – 1554-1910. SP: Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, 1954.

NEGRÃO, Lísias Nogueira e outros. – *A Religiosidade do Povo* - organização: José Queiroz. SP: Ed. Paulinas, 1984.

RODRIGUES, José Honório – *Baú de Ossos*-in REB, nº 32. Petrópolis, 1972.

RUSSEL-WOOD, Antony John – Aspectos da Vida Social das Irmandades leigas da Bahia no séculoXVIII – *in O Bicentenário de um Monumento Baiano*. Salvador: Ed. Beneditina, 1971.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. – Viagem à Província de São Paulo. SP: Liv. Martins Fontes, 1972.

SALLES, Fritz Teixeira – *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro*. BH: UMG/ Centro de Estudos Mineiros, 1963.

SALVADOR, José Gonçalves – *Cristãos Novos, Jesuítas e Inquisição*. SP: Ed. Pioneira, 1964.

SCARANO, Julita. – *Devoção e escravidão*. SP: Cia Editora Nacional, 1978.

TAUNAY, Afonso d'Escragnole. – *Velho São Paulo*, vol 3. SP: Ed. Melhoramentos, 1954.

## Fontes

### Arquivo da Cúria Metropolitana

- Atas e Inventários das Irmandades de São Paulo
- Documentos Avulsos de Interesse para a História e Costumes de São Paulo – volume I
- Jornal “Correio Paulistano” – 09/08/1953 – Nuto Santana
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – volume 13 – 1908

### Arquivo Público Nacional

- Assuntos Eclesiásticos – volumes 120 e 193
- Coleção Eclesiástica – volume 9
- Festas Religiosas – Atas até volume LXIV

### Arquivo do Estado

- Anais da Assembléia Legislativa de São Paulo
- Associações Católicas
- Daesp – Ofícios Diversos de São Paulo de 1855 – caixa 107, nº 902
- Relação dos Conventos e Confrarias

### Jornais

- Correio Paulistano – 1860 a 1880
- Diário de São Paulo – dezembro de 1874